



CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &
identidades

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti
(Organizadoras)



CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &
identidades

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti
(Organizadoras)

 **Atena**
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremona

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Chave de compreensão da história: cultura & identidades

Diagramação: Gabriel Motomu Teshima
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadoras: Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C512 Chave de compreensão da história: cultura & identidades / Organizadoras Denise Pereira, Karen Fernanda Bortoloti. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-747-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.472210312>

1. História. 2. Cultura. 3. Identidades. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Bortoloti, Karen Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Ainda que sem nos darmos conta, estamos, cotidianamente, refletindo acerca da sociedade em que vivemos. Cada vez que nos questionamos: “como isso foi possível?” ao nos surpreendermos com uma notícia estampada na rede, estamos pensando sobre os rumos que a sociedade está tomando, portanto, nos questionando e refletindo sobre a sociedade que vivemos. A cultura, como um produto social, tem, certamente, um grande impacto em nossa compreensão como sujeito, portanto, entrelaçar historicamente essas duas discussões, qualifica essas reflexões de forma incontestável.

Ao pensar historicamente uma questão central é como a cultura é essencial aos indivíduos para refletirem sobre suas ações no tempo e a construção de identidades tão diversas. Neste sentido, pensar em história requer pensar em cultura, justamente porque ao estudar a multiplicidade deste conceito desvendaremos as questões inseridas em nosso dia a dia com o objetivo de possibilitar melhor compreensão de todos os fenômenos que estão imersos no cotidiano e impactam em nosso posicionamento no mundo.

Neste momento, em que presenciamos discussões cada vez mais acirradas sobre as identidades, é importante retomarmos os ensinamentos que nos foram legados pelo antropólogo Clifford Geertz de que a cultura é um “sistema simbólico”, uma teia de significados que carrega mecanismos de controle para governar o comportamento. É construída a partir de valores e crenças, de códigos morais e hábitos que são socialmente erigidos, transmitidos, aprendidos por meio de signos e símbolos. Ela contribui para regular e padronizar atitudes e emoções, contribui, historicamente, para a elaboração de identidades.

Este e-book é sem dúvida, um convite a reconhecer no “outro”, naquele que a princípio enxergamos através de pré-conceitos e pré-julgamentos, alguém com quem podemos potencialmente aprender, com quem podemos nos modificar e que também podemos transformar.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

AS REFORMAS DE POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS NO BRASIL E O ENSINO DE HISTÓRIA

Vanderlise Ines Prigol Reginato


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103121>

CAPÍTULO 2..... 14

HISTÓRIA DA DISCIPLINA HISTÓRIA NA ESCOLA BÁSICA: O ensino da história local

Ely Carlos Silva Santos


Clarice Nascimento de Melo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103122>

CAPÍTULO 3..... 27

HISTORIADORES EM ACERVOS: O FASCÍNIO E OS DESAFIOS DO TRABALHO NO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA

Luciana Cristina Pinto


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103123>

CAPÍTULO 4..... 38

A ATUAÇÃO DOS EGRESSOS DA ESCOLA DO RECIFE NO PIAUÍ NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

Eduardo Albuquerque Rodrigues Diniz

Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103124>

CAPÍTULO 5..... 53

AS CONTRIBUIÇÕES DAS TECNOLOGIAS ASSISTIVAS AO PROCESSO EDUCATIVO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Luzia Alves da Silva

Paulo Miranda da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103125>

CAPÍTULO 6..... 64

UMA EXPERIÊNCIA DECOLONIAL DA ESCOLA MUNICIPAL EUGENIA ANNA DOS SANTOS: NARRATIVAS E SABERES DO CANDOMBLÉ NA CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Silene Ferreira Claro


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103126>

CAPÍTULO 7..... 80

O PASSADO E A HISTÓRIA DIFÍCIL PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA

Adriane de Quadros Sobanski

Rita de Cássia Gonçalves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103127>

CAPÍTULO 8	99
SANTOS - MUITO MAIS QUE UMA CIDADE LITORÂNEA: UMA CIDADE HISTÓRICA!	
Mara Cristina Gonçalves da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103128	
CAPÍTULO 9	114
OS PRINCIPAIS RITUAIS DO TRADICIONAL CASAMENTO UCRANIANO NA CIDADE DE ANTÔNIO OLINTO (1950 - 1980)	
Jéssica Paula Kaczyk Cuba	
Denise Pereira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4722103129	
CAPÍTULO 10	133
INTELECTUAIS REGIONAIS E HISTÓRIA INTELECTUAL: INDAGAÇÕES SOBRE USOS, PROBLEMAS E POSSIBILIDADES	
Erivan Cassiano Karvat	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031210	
CAPÍTULO 11	145
HISTÓRIA ORAL NA HISTORIOGRAFIA ALAGOANA: UMA ANÁLISE QUALITATIVA	
Josilene Melo Paulino	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031211	
CAPÍTULO 12	155
“SUBIR O MORRO PARA DEPOIS DESCER”: MISÉRIA E SUCESSO DOS SAMBISTAS CARIOCAS NAS CRÔNICAS DE JOTA EFEGÊ	
Camila Medina Zanão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031212	
CAPÍTULO 13	168
CULTURA MATERIAL E CONSUMO ALIMENTAR NA BELLE ÉPOQUE CARIOCA (1904-1914)	
Jadir Peçanha Rostoldo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031213	
CAPÍTULO 14	177
BIBLIOTECA JOSÉ BAYOLO PACHECO DE AMORIM - UM BREVE OLHAR SOBRE AS MARCAS-DE-ÁGUA DE DOCUMENTOS IMPRESSOS EM PORTUGAL (SÉC. XVI-XVIII)	
Paula Alexandra Da Costa Leite Pinto Pereira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031214	
CAPÍTULO 15	201
BRIGITTE E MARQUESA: SUBJETIVIDADES, TRAVESTILIDADES, AMIZADE E LOUCURA (1950-1960)	
Paulo Vitor Guedes de Souza	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.47221031215>

SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	216
ÍNDICE REMISSIVO	217

AS CONTRIBUIÇÕES DAS TECNOLOGIAS ASSISTIVAS AO PROCESSO EDUCATIVO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Data de aceite: 01/12/2021

Data de submissão: 09/09/2021.

Luzia Alves da Silva

Universidade Federal da Integração Latino-
Americana - UNILA
Cascavel - PR
<http://lattes.cnpq.br/8041450842070830>

Paulo Miranda da Silva

Secretaria Municipal da Educação de Cascavel
Cascavel - PR
<http://lattes.cnpq.br/6767392263553424>

RESUMO: Este texto resulta de estudos desenvolvidos acerca das tecnologias assistivas e seus impactos ao ensino de estudantes com deficiência visual. Metodologicamente, a pesquisa caracterizou-se como exploratória, de cunho bibliográfico e documental. Teve por objetivo demonstrar as contribuições proporcionadas pelas tecnologias assistivas aos processos de inserção social e escolar de estudantes com deficiência visual, considerando que essa parcela da sociedade necessita das referidas tecnologias para desenvolver-se e apropriar-se dos conhecimentos produzidos historicamente. Nesse sentido, o texto inicia estabelecendo uma discussão acerca de princípios teórico-metodológicos que devem nortear o ensino de estudantes com e sem deficiência, em seguida, conceitua e destaca as principais tecnologias assistivas à disposição no contexto atual, entendendo-as aqui enquanto instrumento e/

ou ferramentas que possibilitam o desempenho de tarefas cotidianas com maior agilidade, autonomia e precisão, bem como, desempenham também o papel de suporte didático-pedagógico relevante à inserção de estudantes que possuem algum tipo de necessidades educativas especiais na escola regular. Nesse caso, dando ênfase para algumas formas de intervenção e aspectos teórico-metodológicos imprescindíveis ao acesso a estas tecnologias e sua utilização no espaço escolar enquanto meio que o impulsiona ao êxito no desempenho acadêmico. Por fim, destaca a importância das tecnologias assistivas para as pessoas cegas e de baixa visão não só em seu processo de escolarização, mas também, enquanto instrumento que contribui na constituição de sua autonomia e independência, bem como, que facilita e/ou colabora para com sua inserção social na medida em que possibilita as condições necessárias para que essas pessoas desenvolvam com maior agilidade e precisão suas atividades pessoais, sociais e laborais, condição esta que se constitui imprescindível para que o indivíduo com deficiência visual possa atingir níveis elevados de supercompensação e, conseqüentemente, que o direcione a alcançar a plena validade social, conforme preconizado por Vigotski (2019).

PALAVRAS CHAVE: Tecnologias Assistivas; Educação; Pessoa com deficiência visual.

THE CONTRIBUTIONS OF ASSISTIVE TECHNOLOGIES TO THE EDUCATIONAL PROCESS OF PEOPLE WITH VISUAL IMPAIRMENT

ABSTRACT: This text is the result of studies carried out on assistive technologies and their impact on the teaching of students with visual impairments. Methodologically, the research was characterized as exploratory, bibliographical and documentary. It aimed to demonstrate the contributions provided by assistive technologies to the processes of social and school insertion of students with visual impairment, considering that this portion of society needs these technologies to develop and appropriate the knowledge produced historically. In this sense, the text begins by establishing a discussion about theoretical-methodological principles that should guide the teaching of students with and without disabilities, then conceptualizes and highlights the main assistive technologies available in the current context, understanding them here as an instrument and /or tools that enable the performance of daily tasks with greater agility, autonomy and precision, as well as playing the role of didactic-pedagogical support relevant to the insertion of students who have some type of special educational needs in regular schools. In this case, emphasizing some forms of intervention and theoretical-methodological aspects that are essential to access these technologies and their use in the school space as a means that boosts success in academic performance. Finally, it highlights the importance of assistive technologies for blind and low vision people not only in their schooling process, but also as an instrument that contributes to the constitution of their autonomy and independence, as well as facilitating and/or contributing to with their social inclusion insofar as it provides the necessary conditions for these people to develop their personal, social and work activities with greater agility and precision, a condition that is essential for the visually impaired individual to achieve high levels of supercompensation and, consequently, that directs it to reach full social validity, as advocated by Vigotski (2019).

KEYWORDS: Assistive Technologies; Education; Visually impaired person.

1 | INTRODUÇÃO

O presente texto tem por objetivo apontar ações que visem superar os desafios colocados ao processo de escolarização de estudantes com deficiência visual enfatizando o papel das tecnologias assistivas enquanto instrumento de suporte didático-pedagógico facilitador do processo de aprendizagem dessa parcela de estudantes.

Para tanto, o texto inicia estabelecendo uma discussão acerca de princípios norteadores da ação pedagógica para que os processos de ensino e de aprendizagem das pessoas com deficiência ocorram de forma integral, bem como, busca conceituar, com base em autores que discutem a temática, as tecnologias assistivas e suas implicações no processo educativo desse público, desde a educação infantil até o ensino superior.

Em seguida, destaca as tecnologias assistivas existentes relacionadas à educação e que contribuem significativamente para que as pessoas com deficiência visual se apropriem dos conteúdos escolares.

Metodologicamente, é relevante enfatizar que o texto é resultado de pesquisas bibliográficas e documentais, análise de relatórios e demais materiais informativos.

Bem como, foi realizado um levantamento das ferramentas que contribuem para com a apropriação dos conteúdos escolares trabalhados em sala de aula com vistas a fundamentar a exposição de suas funcionalidades.

21 CONCEPÇÕES TEÓRICAS RELATIVAS ÀS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL E AS TECNOLOGIAS ASSISTIVAS

Sujeitos com deficiência, assim como os demais, para subsistirem, necessitam ter acesso a toda cultura material e intelectual produzida pela humanidade no decorrer da história (SAVIANI e DUARTE, 2013).

Nesse sentido, de igual forma, pessoas com e sem deficiência, possuem direito à educação. Referindo-se às pessoas com deficiência, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9394/96, indica em seu Artigo 4º, que esse direito deverá ser exercido «preferencialmente na rede regular de ensino».

Dessa forma, esse texto tem por objetivo discutir a importância das tecnologias assistivas enquanto suporte didático-pedagógico ao processo educativo de pessoas com deficiência visual.

Consideram-se pessoas com deficiência visual aquelas que, segundo o Inciso III do Artigo 4º do Decreto n.º 3298/1999, alterado pelo Decreto n.º 5296/2004, podem possuir Cegueira ou baixa visão. Sendo assim caracterizadas:

Art. 4º [.....]

III - deficiência visual - cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60º; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores (BRASIL, 2004).

No entanto, para fins educacionais, não é possível ter como único parâmetro as medidas de acuidade visual, já que é comum que pessoas que possuam o mesmo grau de visão, ao realizarem tarefas idênticas, executam-nas de forma diferente, ou seja, com maior e/ou menor agilidade e precisão, utilizando-se do resíduo visual também de forma diferenciada.

É relevante enfatizar que, independe se a pessoa possui cegueira ou baixa visão, não é apenas isso que irá determinar se ela possui maior ou menor habilidade visual. Tal situação será determinada em função de que cada sujeito irá desenvolver suas potencialidades de acordo com as condições que lhe são possibilitadas no decorrer de sua existência. Isto significa que o nível do desempenho visual depende de um processo de estimulação intencional ocasionado pelas necessidades às quais o sujeito é submetido em cada etapa de seu desenvolvimento. Quer dizer, ainda, que o desempenho do uso do resíduo visual ou a habilitação alcançada por uma pessoa com deficiência visual não é padrão, manifesta-se

de forma diferente em cada indivíduo, decorrente de suas experiências vividas.

Assim, para a educação formal, considera-se pessoa cega aquela que apreende e se apropria dos conteúdos escolares sem fazer uso da visão. Enquanto que, as pessoas de baixa visão, mesmo que de forma parcial, fazem uso do resíduo visual na realização das atividades.

Nesse sentido, torna-se incoerente abordar o papel das tecnologias assistivas enquanto ferramenta de acesso à escolarização das pessoas com deficiência visual sem antes estabelecer uma discussão acerca de determinados princípios que devem nortear o ensino desses sujeitos para que, quando em contato com as referidas tecnologias, possam dar conta de utilizá-las satisfatoriamente.

O primeiro deles é o de que todos os sujeitos aprendem e se desenvolvem nas e pelas relações sociais estabelecidas com seus pares (LEONTIEV, 1978). Dessa forma, com as pessoas com deficiência visual a situação não é diferente: elas precisam do convívio social com outras pessoas para apreender a realidade que a cercam e, dessa maneira, ampliar seu nível de aprendizagem e de desenvolvimento.

No entanto, apenas a convivência não é suficiente para nenhum sujeito se apropriar dos conhecimentos artísticos, filosóficos e científicos produzidos historicamente pela humanidade (SAVIANI e DUARTE, 2013). O ensino planejado e intencional, através de atividades mediadoras também intencionais e deliberadas é que definirão a qualidade das aprendizagens de todos os sujeitos, sejam eles com ou sem deficiência (MARTINS, 2011).

No caso de estudantes com deficiência visual, tal premissa se coloca como imprescindível já que, devido a não conseguir enxergar, parcial ou integralmente, até mesmo o processo de imitação deve ser demonstrado, incentivado e estimulado para que eles consigam executá-lo com certa precisão (SILVA, 2015a).

Dessa forma, entende-se relevante trazer aqui as contribuições de Vigotski (2019), o qual, após a realização de vários estudos, pesquisas e experimentos, propôs a teoria da supercompensação. Ou seja, segundo o autor, a pessoa que possui uma deficiência, ao inserir-se no convívio social, é submetida a vários obstáculos, os quais precisam ser superados.

Esse processo que segundo o autor não é determinado pelo desenvolvimento biológico apenas, mas, principalmente pelo desenvolvimento psíquico, é denominado de supercompensação.

Ao entrar em contato com o meio externo, surge o conflito provocado pela falta de correspondência do órgão ou função deficiente com suas tarefas, o que conduz a uma possibilidade elevada de morbidade e mortalidade. Esse conflito origina também grandes possibilidades e estímulos para a supercompensação. O defeito converte-se, dessa maneira, no ponto de partida e na força motriz principal do desenvolvimento psíquico da personalidade. Se a luta conclui com a vitória para o organismo, então, não apenas são vencidas as dificuldades originadas pelo defeito, mas o organismo eleva-se, em seu próprio desenvolvimento, a um nível superior, transformando o

defeito orgânico em uma capacidade; a debilidade em força; a menos-valia em supervalia (VIGOTSKI, 2019, p. 146-147).

Ressalta-se aqui que a pessoa com deficiência não nasce apta a realizar um processo de supercompensação. Certamente, compensá-lo de alguma forma ela o fará, mas a tendência pode ser tanto à supercompensação - superando os obstáculos e tornando-se uma pessoa de plena validade social (VIGOTSKI, 2019) -, ou fazendo da deficiência um subterfúgio para que as outras pessoas tenham pena e a auxiliem em todas as suas atividades ou as façam por ela. É o que Vigotski denomina de “fracasso da compensação”.

Nesse sentido, torna-se imprescindível que a escola seja para esses estudantes um espaço que os estimule a alcançar a supercompensação, proporcionando-lhes a superação de obstáculos e a apreensão de conteúdos que lhe oportunizem o desenvolvimento integral (SILVA, 2018).

Tal condição só se torna possível mediante a utilização de estratégias e técnicas pedagógicas adequadas, bem como, de signos e instrumentos que os auxiliem na realização das tarefas prejudicadas em decorrência da falta do sentido da visão (SILVA, 2015a).

Partindo desse pressuposto é que se compreende como relevante a discussão proposta a seguir em relação às tecnologias assistivas, as quais são consideradas instrumentos que auxiliam significativamente as pessoas com deficiência visual não apenas nos processos de ensino e de aprendizagem no decorrer do período de sua escolarização, mas também no desenvolvimento de suas tarefas laborais e cotidianas.

3 I TECNOLOGIAS ASSISTIVAS DISPONÍVEIS NA ATUALIDADE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Inicialmente, é importante ressaltar que as adaptações de acessibilidade e as Tecnologias Assistivas constituem-se em instrumentos que contribuem de forma significativa para com o processo de escolarização das pessoas com deficiência. Uma cadeira de rodas, uma mesa adaptada, uma órtese ou uma prótese, um software para leitura ou escrita de textos, são ferramentas imprescindíveis ao êxito escolar de uma pessoa que possua algum tipo de deficiência.

Segundo a Comissão Temática 1 do Comitê de Tecnologia Assistiva (CAT), *apud* Gasparetto (2012),

Tecnologia assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (BRASIL, 2009 *apud* GASPARETTO, 2012).

Partindo desse pressuposto, e atendendo ao foco da pesquisa - área da deficiência visual, a seguir serão destacados alguns recursos de tecnologia assistiva disponíveis à

essa parcela da população, ressaltando-se que tais recursos, apesar de contribuírem significativamente para com a melhora do desempenho acadêmico, laboral e pessoal dessas pessoas, nem sempre estão ao alcance de todos já que a aquisição de determinadas tecnologias está sujeita à condição econômica e/ou social que estes possuem. É importante reiterar que dificuldades econômicas de significativa parcela de pessoas com deficiência não estão relacionadas diretamente com causas das deficiências, mas sim em função de que estas, em sua maioria, pertencem à classe trabalhadora, isto é, não dispõem de condição financeira suficiente para adquiri-los. Outro fator que submete esses sujeitos a essa condição, tem suas raízes no fato de que como historicamente as pessoas com deficiência foram concebidas como incapazes e inválidas (BUENO, 1993), até hoje acabam por serem consideradas como inaptas para a convivência coletiva e o mercado de trabalho.

Um dos primeiros recursos a ser destacado como indispensável para o processo de escolarização de pessoas cegas, principalmente na alfabetização, é o sistema Braille. Criado no século XVIII, na França, por Louis Braille, no Instituto de Cegos de Paris, caracteriza-se principalmente por ser um sistema de leitura e escrita tátil em relevo (BUENO, 1993; TURECK, 2005). Enfatiza-se aqui que a escrita braile é um recurso didático-pedagógico extremamente relevante e quase insubstituível, pelo fato de que seu objetivo principal é possibilitar às pessoas que dele se utilizam para ler e escrever autonomia e independência (SILVA, 2015a).

Tal situação se evidencia claramente nos estudos de Tureck (2003), em que ela afirma que, em relação à escolarização das crianças pequenas, o aprendizado e uso do braille é de fundamental importância para a aquisição da língua escrita, pois utilizando-se quase só da audição muitos elementos constitutivos da língua não são captados, influenciando negativamente na formação acadêmica. Nesse sentido, o braille é utilizado com exclusividade nas séries iniciais do ensino fundamental.

Outro recurso considerado relevante no processo educacional de alunos cegos é a bengala. Uma órtese, geralmente feita em alumínio, é constituída por um bastão utilizado pelas pessoas cegas para se locomover com segurança. Por meio da bengala, a pessoa percebe os obstáculos à sua frente e desvia deles.

A bengala traz a quem a utiliza independência e autonomia na locomoção, no entanto, demanda a aprendizagem de técnicas de orientação e mobilidade, as quais, na maioria das vezes são ensinadas aos alunos no atendimento educacional especializado (SILVA, 2015b).

Um aspecto importante acerca da bengala é que esta deve ser adquirida no tamanho adequado à pessoa que irá utilizá-la e que é disponibilizada às pessoas cegas pelo Sistema Único de Saúde.

Sierra e Barroco (2009, p. 10), ao se referirem aos serviços disponibilizados no atendimento educacional especializado, dentre eles a orientação e mobilidade, afirmam: “em todos eles pode-se identificar quanto um bom trabalho de base, referente à AVA,

serve como fundamento para novas apropriações educacionais”. A sigla AVA refere-se às atividades de vida autônoma.

Em meio a uma diversidade de recursos tecnológicos que facilitam o acesso à leitura e à escrita de alunos cegos e de baixa visão, outra tecnologia assistiva que pode ser destacada como relevante é o Sistema Operacional DOSVOX¹. Este sistema constitui em mais um recurso à disposição do professor e dos alunos, podendo ser acessado gratuitamente na internet através de download e instalado em computadores comuns, bastando ter apenas uma caixa de som ou fones de ouvido para que a pessoa com deficiência visual tenha o retorno sonoro.

Segundo Silva e Silva (2008, p. 131), “o DOSVOX vem sendo aperfeiçoado a cada nova versão. Hoje, ele possui mais de 80 programas. Contava em julho de 2004 com cerca de 8.000 usuários no Brasil e em alguns países da América Latina”.

Devido às suas funcionalidades e à facilidade para manuseá-lo, o DOSVOX tem sido relevante no processo de escolarização das pessoas com deficiência visual. Constituiu-se enquanto uma ferramenta importante para a apropriação dos conhecimentos científicos produzidos historicamente pela humanidade por possibilitar, de forma ágil e fácil, o acesso às informações escritas. Tal fato se dá devido a esse programa ter sido desenvolvido para fins educacionais, sendo que alguns utilitários estão em constante desenvolvimento.

Dentre os utilitários citamos o Webvox, que é um navegador; o Cartavox, que é um gerenciador de e-mails; o Edivox, que é um editor de textos; o Monitvox que é um minileitor de telas. Além desses há diversos jogos educativos que possibilitam aos professores trabalharem uma infinidade de conteúdos com estudantes cegos, desde a educação infantil até o ensino superior, explorando a formação de conceitos, a Matemática, a Língua Portuguesa e as demais disciplinas do currículo escolar.

É importante esclarecer que, embora o objetivo principal na criação do DOSVOX seja o processo educativo, também tem sido utilizado de forma considerável por pessoas com deficiência visual para realizar tarefas laborais, passando a ser um instrumento fundamental na inserção de cegos no mercado de trabalho, além de ampliar as possibilidades de comunicação via redes sociais e até mesmo para atividades de lazer.

No que se refere ao acesso à informação escrita, além do DOSVOX, existem outras Tecnologias Assistivas que o professor poderá utilizar no cotidiano escolar do aluno cego ou de baixa visão. Entre estes o NVDA², o Virtual Vision, o Orca e o Jaws. Essas tecnologias são leitores de tela e possibilitam à pessoa com deficiência visual acessar ao computador utilizando-se do teclado e com retorno sonoro.

Ressalta-se aqui que alguns desses leitores, como o Jaws e o Virtual Vision são softwares pagos, o que torna seu acesso mais restrito. No entanto, o NVDA e o Orca são gratuitos e possuem boas funcionalidades.

¹Encontra-se disponível para download em: <http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox/upgrade/programas.htm>.

²Encontra-se disponível para download em: <https://www.nvaccess.org/download/>.

Por fim, é relevante destacar que o NVDA, o Jawss e o Virtual Vision funcionam na plataforma Windows e o Orca na plataforma Linux. Entende-se importante aqui fazer um destaque para essa questão: o Linux, apesar de ser um sistema computacional aberto e, por isso extremamente divulgado e incentivado sua utilização, percebe-se que não há esforços dos programadores em desenvolver programas acessíveis às pessoas que possuem alguma deficiência.

Em relação às pessoas de baixa visão, além da lupa do Windows, há também outros ampliadores de tela de boa qualidade, no entanto, todos de alto custo, dificultando assim a aquisição por quem deles necessitam. Dessa forma, na maioria das vezes, as pessoas de baixa visão acabam por se utilizarem de materiais didáticos ampliados - em papel A3 e em preto e branco -, o que reduz significativamente a qualidade do material.

Além desses, as pessoas de baixa visão, em seus processos de escolarização, utilizam também de lápis 6B, pincel atômico e cadernos com pautas ampliadas. Essas ferramentas são menos restritas e também contribuem de forma significativa para com os processos de ensino e de aprendizagem desses estudantes em todos os níveis de ensino.

Com relação às pessoas cegas, em se tratando de tecnologias assistivas de baixo custo, destacam-se o Multiplano e o Sorobã, que são instrumentos importantes para a apropriação dos conteúdos da matemática por representarem materialmente os conceitos e as representações numéricas; a reglete e a máquina de datilografia em braille para a escrita cumprem a tarefa de registro dos cálculos e demais atividades correlatas.

Estas tecnologias geralmente são disponibilizadas nas salas de recursos multifuncionais das escolas e estão à disposição dos estudantes já no início de sua escolarização, ainda que tal fato não aconteça em todas as escolas na mesma proporção e que, nem sempre, estejam disponíveis aos estudantes e aos profissionais que possuam bom domínio dessas tecnologias para ensiná-los.

4 | METODOLOGIA

Nesse tópico, inicialmente é importante ressaltar que o presente texto se desenvolveu mediante o interesse em estabelecer uma discussão a respeito da relevância das tecnologias assistivas para as pessoas com deficiência visual e, principalmente, em relação ao papel destas enquanto suporte pedagógico que, certamente, constitui-se como uma ferramenta imprescindível à inserção e à permanência, com aprendizagens, desse público na escola.

Para tanto, metodologicamente, caracteriza-se como uma pesquisa explorativa, de cunho bibliográfico e documental, que objetiva mediante as contribuições de autores como Gasparetto (2012), Martins (2011), Silva (2015a), Silva e Silva (2008), Saviani e Duarte (2013) Leontiev (1978) e Vigotski (2019), identificar os fundamentos para compreender e interpretar os fenômenos apontados, bem como, através da análise de algumas leis e

decretos (BRASIL, 1996; 2004), identificar os mecanismos que legitimam a existência das tecnologias presentes na escola atualmente.

Por fim, com base nos fundamentos descritos, buscou-se realizar uma análise e, por meio dela, desenvolver uma interpretação e apontar posicionamentos referentes à temática em questão com vistas a fomentar a ampliação das discussões sobre a relevância das tecnologias assistivas nos processos de ensino e de aprendizagem na escolarização de pessoas com deficiência visual, da Educação Básica ao Ensino Superior.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, faz-se necessário enfatizar que a realização do presente texto trouxe à tona a compreensão acerca da importância da necessidade de que todas as pessoas com deficiência tenham acesso às tecnologias assistivas, estando elas inseridas na escola ou não.

Tal premissa tem suas bases no entendimento de que estas tecnologias representam para essa parcela da população avanços significativos ao processo de independência e autonomia social, já que, por meio delas, foram potencializadas as condições de acesso das pessoas com deficiência visual ao conjunto de saberes produzidos historicamente pela humanidade. Por outro lado, as tecnologias assistivas também proporcionaram maiores possibilidades de intervenção e/ou contribuição dessas pessoas enquanto sujeitos ativos nos contextos em que estão inseridas, seja na família, na escola, no trabalho, nas associações, nos sindicatos (CARVALHO, ROSA e TURECK, 2008).

Ainda, faz-se necessário ressaltar que, quanto à pesquisa para a realização do presente texto, uma das dificuldades encontradas diz respeito à escassez de bibliografias. Dessa forma, busca-se também com esse trabalho instigar a realização de outras pesquisas sobre a referida temática, cada vez mais relevante e urgente, considerando que os processos de inclusão escolar, social e laboral encontram-se avançando de forma significativa, demandando, portanto, ampliação e aprofundamento dos conteúdos dessa área.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Decreto n.º 5.296, de 2 de dezembro de 2004.** Regulamenta as Leis n.ºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília: 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm>. Acesso em: 22/10/2016.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Decreto n.º 3.298, de 20 de dezembro de 1999.** Regulamenta a Lei n.º 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Brasília: 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm>. Acesso em: 23/10/2016.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 21/10/2016.

BUENO, José Geraldo Silveira. **Educação especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente.** São Paulo, EDUC, 1993.

CARVALHO, Alfredo Roberto de; ROSA, Enio Rodrigues da; TURECK, Lucia Terezinha Zanato. Contribuições da ACADEVI para a educação das pessoas cegas e com visão reduzida do município de Cascavel. In: ORSO, Paulino José et al.(orgs). **Educação e história regional: desafios para sua reconstrução.** Cascavel, PR: Coluna do Saber, 2008. p. 133-150.

DOSVOX. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox/download.htm#completo>> Acesso em: 27 set. 2014.

GASPARETTO, Maria Elisabete Rodrigues Freire. Tecnologias assistivas e práticas pedagógicas inclusivas: deficiência visual. In: GIROTO, Claudia Regina Mosca; POKER, Rosimar Bortolini; OMOTE, Sadao. (Org.). **As tecnologias nas práticas pedagógicas inclusivas.** Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília, 2012. p. 159-183.

LEONTIEV, Aléxis Nikolaevich. **O desenvolvimento do psiquismo.** Tradução Manuel Dias Duarte. Lisboa: Horizonte, 1978.

MARTINS, Ligia M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia histórico-crítica.** Tese (Livre-docência) - Faculdade de Ciências de Bauru. Departamento de Psicologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Bauru, 2011.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar.** Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SIERRA, Maria Angela Bassan; BARROCO, Sonia Mari Shima. **AVD, AVAS, AVA, atividades cotidianas:** com a palavra Vigotski e Heller. Curitiba: SEED, 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2303-8.pdf>. Acesso em: 14 out. 2013.

SILVA, Luzia Alves da. **Pedagogia Histórico-crítica e psicologia histórico-cultural:** contribuições à aquisição de leitura e escrita de alunos com deficiência visual. Curitiba: Appris, 2018.

SILVA, Luzia Alves da. **Aquisição da leitura e da escrita por alunos com deficiência visual:** um estudo a partir das contribuições da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. 2015. 83 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2015a.

SILVA, Luzia Alves da. Fundamentos Teórico- Metodológicos que Norteiam o Ensino de Orientação e Mobilidade. In: Programa de Ações Relativas às Pessoas com Deficiência Visual (PEE) (org). **Pessoa**

com Deficiência, Educação e Trabalho: Reflexões Críticas. 1ª ed. Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2015b. p. 199-220.

SILVA, Dorisvaldo Rodrigues da; SILVA, Vera Lucia Ruiz Rodrigues da. O uso da Informática como Instrumento de Apoio no Processo Educacional de Pessoas com Deficiência. In: ORSO, Paulino José et al.(orgs). **Educação e história regional:** desafios para sua reconstrução. Cascavel, PR: Coluna do Saber, 2008. p. 133-150.

TURECK, Lucia Terezinha Zanato. **Deficiência, educação e possibilidades de sucesso escolar:** um estudo de alunos com deficiência visual. (Dissertação) Mestrado em Educação. Maringá, Universidade Estadual de Maringá, 2003.

TURECK, Lucia Terezinha Zanato. **A educação dos cegos.** Jornada HISTEDBR, 2005. [S.L].

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Obras Completas - Tomo Cinco:** Fundamentos de Defectologia. Tradução do Programa de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais (PEE); revisão da tradução por Guillermo Arias Beatón. - Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acervos 27, 29, 30, 34, 36, 37

Anormalidade 201, 202, 204, 205, 210, 214

B

Bibliotecas Particulares 177

C

Casamento ucraniano 114, 120, 124, 129, 130, 131

Centro de documentação 27, 29, 30, 35, 37, 134, 177

Consciência histórica 64, 65, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 82, 87, 92, 93, 97, 98

Crônica 155, 156, 159, 162, 163, 164, 167, 175

Cultura 5, 7, 10, 16, 17, 19, 20, 23, 24, 26, 40, 51, 55, 62, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 75, 76, 77, 82, 84, 85, 87, 89, 93, 98, 101, 102, 104, 111, 114, 115, 117, 118, 121, 123, 127, 131, 136, 139, 145, 151, 152, 155, 156, 157, 158, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 199, 201, 216

Cultura popular 17, 26, 89, 155, 156, 157, 158, 167

Currículo 1, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 48, 59, 70, 71, 83, 85, 86, 97

D

Decolonialidade 65, 77

Direito 3, 6, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 78, 85, 123, 135, 187, 193

Disciplinas escolares 14, 15, 16, 17, 18, 23, 25, 26

Ditadura civil militar 20, 23, 80, 81, 82, 83, 90, 92, 93, 94, 95, 96

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 44, 47, 53, 54, 55, 56, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 69, 70, 71, 72, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 113, 161, 206, 216

Educação básica 1, 6, 8, 10, 12, 61, 64, 80, 81, 82, 92, 93, 94, 97

Educação para relações étnico-raciais 65

Emigração 114

Ensino de história 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 64, 65, 70, 72, 78, 80, 81, 83, 84, 86, 87, 89, 93, 97, 98, 112, 131

Escola do Recife 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 52

H

História 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 45, 48, 50, 51, 52, 55, 62, 63, 64, 65, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 111, 112, 113, 114, 115, 131, 133, 134, 135, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 173, 176, 178, 179, 185, 188, 189, 192, 193, 195, 196, 199, 201, 202, 209, 211, 213, 214, 215, 216

História difícil 80, 81, 83, 87, 92, 94, 95, 97

Historiadores 22, 27, 34, 36, 37, 40, 89, 91, 145, 146, 147, 151, 153

História local 7, 14, 15, 16, 17, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 140, 143, 144

História oral 114, 115, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Historiografia alagoana 145, 149, 150, 151, 153

J

Jota efegê 155, 156, 157, 158, 162, 163, 164, 165

L

Locais de memória 99

M

Marcas-de-água 177, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 196, 198

Memória 9, 26, 29, 36, 52, 72, 74, 75, 90, 99, 102, 112, 140, 145, 146, 147, 148, 151, 153, 154, 155, 156, 158, 161, 162, 164, 165, 167, 205, 206, 209, 211, 212

Música 31, 33, 126, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 203

P

Passado 13, 14, 15, 16, 19, 24, 25, 28, 36, 72, 73, 75, 76, 78, 80, 81, 82, 83, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 102, 107, 110, 114, 116, 139, 144, 146, 147, 148, 155, 157, 164, 165, 213

Pesquisa 12, 14, 15, 16, 17, 20, 25, 26, 27, 29, 30, 33, 35, 37, 41, 43, 44, 53, 57, 60, 61, 66, 70, 71, 79, 86, 87, 92, 96, 97, 100, 101, 104, 115, 134, 137, 138, 142, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 161, 163, 166, 178, 201, 208, 214

Pessoa com deficiência visual 53, 55, 59

Piauí 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50

Políticas públicas 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 148, 153

Preservação de documentos 177

Professores 1, 2, 4, 5, 6, 7, 10, 16, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 40, 42, 47, 50, 59, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 97, 104, 134

R

Rituais 67, 77, 114, 115, 120, 122, 130, 131

S

Santos 12, 13, 14, 31, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 77, 78, 80, 81, 82, 89, 90, 91, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 110, 111, 112, 113, 131, 143, 150, 152, 154, 174, 200

Subjetividades 24, 73, 153, 201, 202, 213, 214

T

Tecnologias assistivas 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62

Travestis 201, 202, 206, 210, 211, 214


Turismo pedagógico 99





CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &
identidades

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora


Ano 2021





CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &
identidades

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021